

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LISBOA, CAPITAL DA INTRIGA INTERNACIONAL
10 e 19 de Março de 2026**

**A MAN COULD GET KILLED / 1966
(A Dança dos Diamantes)**

Um filme de Ronald Neame e Cliff Owen

Realização: Ronald Neame e Cliff Owen / Argumento: Richard Breen e T.E.B. Clarke, baseado num romance de David E. Walker / Direcção de Fotografia: Gábor Pogany / Direcção Artística: John DeCuir e Tom Hale / Cenários: Giuseppe Chevalier / Guarda-Roupa: Jean Louis e Dimis Kritisas / Música: Bert Kaempfert / Som: William Russell e Waldon Watson / Montagem: Alma Macrorie / Interpretação: James Garner (William Beddoes), Melina Mercouri (Aurora / Celeste da Costa), Sandra Dee (Amy Franklin), Anthony Franciosa (Steve / Antonio), Robert Coote (Hatton / Jones), Roland Culver (doutor Mathieson), Grégoire Aslan (Florian), Cecil Parker (Sir Huntley Frazier), Dulcie Gray (sra. Mathieson), Peter Illing (Zarik), Virgílio Teixeira (inspector Rodrigues), etc.

Produção: Cherokee Productions / Produtor: Robert Arthur / Cópia 35mm, colorida, falada em inglês (e ocasionalmente português), legendada em sueco e eletronicamente em português / Duração: 98 minutos / Estreia em Portugal: Monumental, a 25 de Junho de 1968.

Para uma coisa que se pretendia um divertimento ligeiro, a conciliar elementos de 007 (estava-se em pleno arranque da febre James Bond) com motivos hitchcockianos clássicos (um homem pacato e vertical – James Garner – confundido com outro menos pacato e moralmente mais oblíquo), com uma rodagem-férias de quatro semanas aqui na pasmaceira paisagística do nosso *sunny* Portugal de meados dos anos 1960, **A Man Could Get Killed** acabou ter um ambiente um bocado pesado. Esteve-se, inclusivamente, à beira de um motim, com o elenco incompatibilizado com o realizador inicialmente indigitado, Cliff Owen, problema que o produtor resolveu encostando Owen a um canto e chamando para a condução das operações esse velho baluarte da mais insípida *british quality*, Ronald Neame. Foi remédio santo, aparentemente, mas nisto perdeu-se tempo e as quatro semanas de rodagem tornaram-se oito semanas. Dois meses aqui no bilhete postal de Lisboa a Sesimbra que nem todos acolheram com gratidão: Sandra Dee, nas suas memórias, recordava este tempo perdido, estes dois meses de férias forçadas num hotel de Lisboa, como uma das temporadas mais infelizes a que a sua vida profissional a obrigou.

Que dizer do filme, insípido e desconchavado, com toda a gente (Anthony Franciosa e Melina Mercouri muito especialmente) a fazer muita força para ser “engraçado”, um registo de humor forçado e constrangido que tem um efeito, de facto, constrangedor, como se a “ampliação” do cómico funcionasse como uma câmara de ressonância para o eco do vazio de ideias em volta? Que talvez, como escreveu um crítico da época, se se

tivesse optado por contar a história num registo sério de “thriller” modesto, tivesse saído obra melhor (impossível perceber se o romance-base de David E. Walker já tinha pretensões de ironia ou se foi o filme que o resolveu tratar assim neste modo pseudo-espumante e pseudo-engraçado). Uma miniatura hitchcockiana, um **North by Northwest** aqui neste *south by southwest* não pareceria, a priori, impossível com este material narrativo.

Com a ajuda das belas cores de Gábor Pogany (um operador húngaro-italiano com longa carreira e larga escola na opulência cromática do peplum, por exemplo), bem restituídas na cópia que vamos ver, uma das coisas que mantém o espectador interessado, sobretudo o espectador lisboeta, são as imagens do país e da capital. A começar logo pelo início, as cenas no Aeroporto da Portela, no tempo em que parecia mais um apeadeiro de estação de caminhos de ferro no meio de nenhures do que um grande aeroporto internacional de uma metrópole europeia. Mas, apesar de alguns elementos que convocam todo o potencial de nostalgia que o espectador possa ter (o carrinho de gelados da Olá, a primeira coisa que se vê depois de Garner sair do aeroporto: eis-nos em cheio no país do sorvete, como João César Monteiro imortalizaria três décadas mais tarde), a relação com “a arqueologia”, por curiosa que seja, e dos azulejos às praias de Sesimbra pré-expansão turística, passando pelos cemitérios (a cena em que Garner e Mercouri se encontram pela primeira vez: parece os Prazeres, mas pode não ser, de facto mudou tudo muito), é algo que pertence exclusivamente ao espectador. Para o filme são apenas cenários, mais ou menos pitorescos, como pitorescos são os momentos em que se ouve a língua portuguesa (um bom esforço: falam melhor português as vedetas do que os secundários contratados para fingirem que são portugueses, por exemplo), e os comentários jocosos sobre costumes portugueses (os nossos nomes, que parecem longuíssimos a um anglo-saxónico, não passam sem uma piadinha).

Mas boa pergunta: e os portugueses? Também não estão, realmente. A maioria dos exteriores parece completamente vazia, sem vida própria e local, ou porque a rodagem foi a horas mortas ou porque se controlou rigorosamente ao acesso dos transeuntes ao *campo*. Até **Lisbon**, o filme de Ray Milland, mesmo tão bilhete-postal como é, conservou um pouco melhor algumas impressões da vida aqui do indigenato. Algo que tem também um reflexo no modo como – Virgílio Teixeira a parte, que já tinha uma carreira internacional – a produção parece ter ignorado, mesmo nas “bit parts”, os actores portugueses. Reconhece-se Óscar Acúrcio (é o homem dos gelados, nessa cena inicial) e quase não se reconhece mais ninguém – só o espectador com olhos de lince dará pela presença fugaz de Glória de Matos, nem mais nem menos.

Uma última nota, saída directamente da gaveta das curiosidades históricas: foi neste filme que se ouviu, pela primeira vez, o célebre *Strangers in the Night*. Ainda não pela voz de Frank Sinatra, que a gravou logo a seguir, ainda neste ano de 1966. Sinatra adorava a canção: “*a piece of shit, the worst fucking song that I have ever heard*”. Foi o sucesso que se sabe.

Luís Miguel Oliveira